

PROJETO

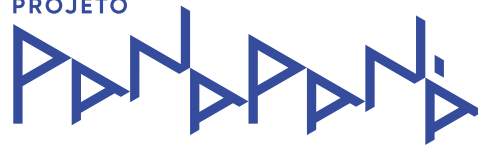
PANAPANÁ

2018

novembro
das artes visuais



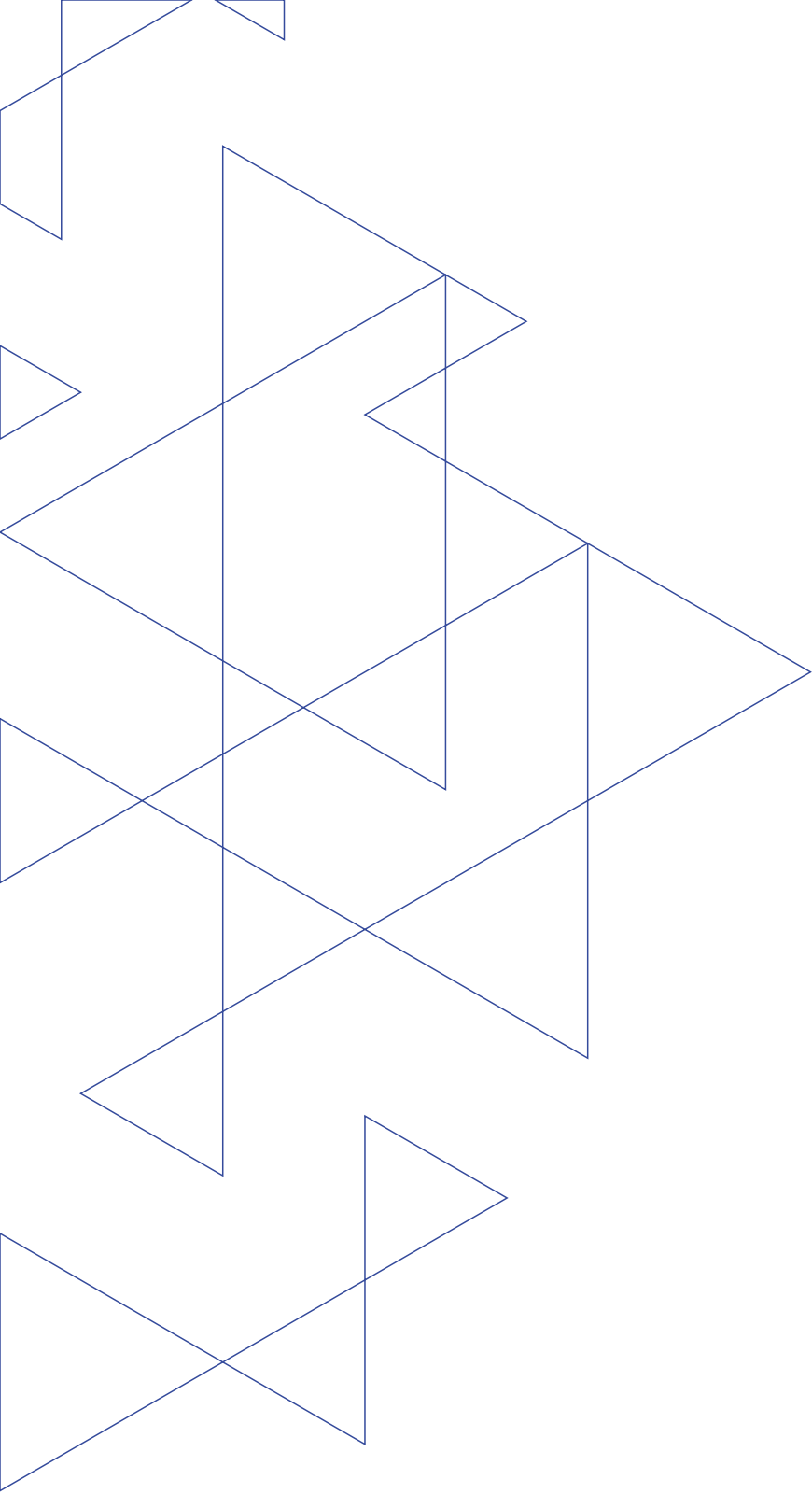
PROJETO



novembro
das artes visuais

João Pessoa
2018





Borboleta é símbolo da transformação. Seu ciclo de vida ensina sobre a importância da mudança, da necessidade de se expandir. Panapaná é o coletivo de borboleta, nome mais apropriado para celebrar as artes visuais, nas suas diversas modalidades e na sua insistente vontade de se transformar.

No mês de novembro a Fundação Espaço Cultural da Paraíba mergulha num universo que exige entrega, vivências, debates e experimentos. É o momento de juntar o olhar do artista, praticar a partilha e possibilitar uma vivência, individual e coletiva, com o público.

"Panapaná: Novembro das artes visuais" surge em 2016, como um projeto que tinha a intenção de juntar artistas da região Nordeste do Brasil, mas como as borboletas que saem de seus casulos para ganhar o mundo, o projeto ganha credibilidade, corpo e junta artistas para além dos limites do nosso país.

O Panapaná é o único projeto dedicado às artes visuais do Nordeste, com calendário anual. A programação inclui leituras de portfólio, diálogos entre artistas e curadores, montagens e aberturas de exposições, palestras e intervenções artísticas, além de agregar outras linguagens como a música e o audiovisual.

Em sua terceira edição, o evento contou com os curadores Raphael Fonseca e Tiago Sant'Ana, artistas de quase toda a região Nordeste e ainda com a presença da artista internacional, Ana Roldan, mexicana radicada na Suíça. Sua participação foi possível a partir da parceria com a Fundação Pro Helvetia (Suíça).

Vida longa ao Panapaná! Que seja um espaço de encontros, trocas, inspirações e muita arte.

Nézia Gomes
*Presedente da Fundação
Espaço Cultural da Paraíba*



Projeto Panapaná: Novembro das artes visuais

É o principal evento das artes visuais na Paraíba, com abrangência à região Nordeste, para discussão e fomento de ações que resultem na formação dos artistas paraibanos e incluam nosso estado no roteiro das grandes curadorias que ocorrem no território nacional.

O Panapaná é o único projeto de artes da região com calendário anual. Além da constância difere também no formato. Nas três edições anteriores realizadas em 2016, 2017 e 2018, realizamos vivências (encontro entre artistas e curadores para discussão e produção de obras de arte), leituras de portfolio, rodas de diálogos abertas também ao público visitante, montagens e aberturas de exposições, palestras, jam sessions e exibição de vídeos produzidos por artistas.

A cada edição o Panapaná se reinventa e avança no sentido de redimensionar sua área de abrangência conceitual e geográfica.

O Espaço Cultural

O Espaço Cultural José Lins do Rego é um lugar com 55 mil metros quadrados de área construída. Está no inconsciente coletivo da capital, João Pessoa, pelas relações multidimensionais com a cidade e o Estado, como o local de entretenimento, desenvolvimento social, educacional, turístico e principalmente cultural.

Possui diversos equipamentos e ações como: Museu José Lins do Rego, Galeria Archidy Picado, Espaço Expositivo Alice Vinagre, Praça do Povo, Teatro de Arena, Teatro Paulo Pontes, Cine Bangüê, mini auditórios, Biblioteca Juarez da Gama Batista, Arquivo Histórico, Lutheria, Escola de Dança, Planetário, Estação Ciência, Sala de Concertos Maestro José Siqueira, Escola de Música Anthenor Navarro, Escola Especial de Música Juarez Johnson, Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira, Orquestra Sinfônica da Paraíba, Orquestra Jovem da Paraíba, Coral Sinfônico Infantil e Adulto.





Curadores/Comissão Julgadora

Clarissa Diniz

Raphael Fonseca

Tiago Sant'Ana

**“O presente é tão grande,
não nos afastemos /
Não nos afastemos muito,
vamos de mãos dadas”.**

Os versos de Carlos Drummond de Andrade foram publicados em 1940 e tendem a ser vistos como uma resposta a um momento tomado pela Segunda Guerra Mundial. Quase oitenta anos depois, essas palavras ainda parecem imperativas para os dias atuais. O desejo de estar junto é uma tática sócio-política que vem sendo ativada recorrentemente nos últimos dias, diante do cenário político de instabilidade. No campo artístico, ir de mãos dadas pode significar uma aposta em processos mais colaborativos e que nos exige estar abertos a coalizões, cruzamentos e intercâmbios.

Tomando esses versos não só como metáfora, mas também como estratégia, o Panapaná 2018 propôs o diálogo e a convivência de doze artistas da região Nordeste como possibilidade de investigação e criação artística contemporânea. Depois de cerca de um mês de diálogos à distância, foi realizada uma semana de convivência entre artistas como um modo de aproximar os universos de criação e possibilitar um intercâmbio regional tendo João Pessoa como sede dessas discussões durante a exposição. Nessa semana, foram apresentadas questões de interesse central nas produções artísticas das pessoas participantes e, mais que isso, foi um momento de colaboração e intercâmbios estéticos.

De todo esse tempo de imersão virtual e física, o Panapaná resultou em uma exposição que – longe de desejar realizar um panorama da produção do Nordeste – trazia uma constelação de processos artísticos que revelam a diversidade de linguagens e anseios existenciais que podem haver dentro de apenas uma região do Brasil.

A exposição põe em tangência desde paisagens geográficas e suas relações com a memória e o corpo até pesquisas em escultura e gravura – mostradas ora como processos singulares e individuais, ora serializadas e conjuntas. Vídeo, instalação, performance e trabalhos sonoros também contribuíam no esforço em ampliar as dialogias presentes na mostra.

Somando a essa curadoria, convidamos a artista Martha Araújo (residente em Maceió, Alagoas) para mostrar algumas de suas fotografias em uma homenagem. Com uma longa pesquisa acerca das maneiras de experimentar o corpo humano por meio de diferentes materiais, enxergamos nesses trabalhos um anseio de dialogar com a alteridade que nos parece essencial para o presente. Jogar junto é, antes de qualquer coisa, um exercício de respeito às diferenças.

Através das artes, sem acepções regionalistas, a exposição contribui com outras iniciativas que sugerem retomar a necessidade de reimaginar o Nordeste não apenas como região dinâmica, criativa e pulsante, mas, sobretudo, como uma geografia que, composta por nove estados com diferentes formações e realidades, tem apontado ao resto do país como enfrentar a realidade: ninguém soltando a mão de ninguém.

Raphael Fonseca
Tiago Sant’Ana
Curadores

prohelvetia

CO\N Intercâmbios
C\DE culturais
NC\A Suíça-América
do Sul

COINCIDÊNCIA – programa de intercâmbios culturais entre Suíça e América do Sul, realizado pela Fundação Suíça para a Cultura Pro Helvetia, teve o prazer de apoiar a 3ª edição de Panapaná para garantir a presença da artista suíço-mexicana Ana Roldan nos encontros com xs artistas selecionadxs e no desenvolvimento de uma obra comissionada. Acreditamos que por meio da aproximação entre contextos e experiências diversas no processo de produção artística fortalecemos a qualidade de pesquisa e incentivamos o desenvolvimento de uma rede de interlocução ampla.

Lançado em 2017, COINCIDÊNCIA visa promover trocas em diversos campos artísticos por meio de exposições, residências, pesquisas, turnês, coproduções e traduções, entre Suíça, América do Sul e outros países nos quais a Pro Helvetia atua. Articulado ao redor de eixos como a construção de territórios, as noções de conflito e de memória e as relações do tempo presente com as narrativas não hegemônicas, o programa, que tem duração de três anos, cresce a partir das inquietações dos parceiros locais, garantindo sua relevância na América do Sul.

Catarina Duncan

*Representante do programa
COINCIDENCIA – Intercambios culturais
entre Suica e America do Sul*



Ana Roldan



As pesquisas de Ana Roldan giram em torno de uma atualização de linguagens tradicionais como a pintura e a escultura. Com um interesse pelas formas e suas histórias – em uma perspectiva que vai desde a arqueologia até a cultura de massa dos últimos anos –, seus trabalhos intrigam o olhar e o corpo do público não apenas devido às suas opções cromáticas e de materiais, mas especialmente pela como a artista pensa a expografia. Para o PANAPANÁ, Roldan fez um trabalho em uma mídia que ainda não havia explorado: a pintura mural no espaço público. Cobrindo uma larga área de muro próxima à FUNESC, ela optou por realizar quatro formas de diferentes configurações feitas com tinta spray. Um olhar atento perceberá que todas tem algo de antropomórfico e parecem flexionar seus corpos em posturas inusitadas para os passantes. Figuração e abstração se misturam e estimulam a atenção do público. O trabalho foi realizado em parceria com Meia Cor, artista visual de João Pessoa.





Martha Araújo

artista homenageada

Martha Araújo (Maceió, Alagoas, 1943) é uma artista cuja trajetória se caracteriza pela experimentação de linguagens e de ativações do corpo humano. Seu percurso como artista visual tem início durante os anos 1980, em especial como resposta a cursos de artes visuais que fez quando residiu no Rio de Janeiro. Mostramos aqui documentações fotográficas de três de suas ações.

“Roupa coletiva” (1985), como diz um texto de sua própria autoria, é uma proposição para que o público “vista-se e seja um único corpo, numa única direção”; um corpo se conecta a outro e todos se tornam um. “Para um corpo nas suas impossibilidades” (1984-85) é uma proposta baseada em roupas coloridas feitas com velcro que permitem que o corpo de quem as usa se conecte e desconecte de uma outra superfície têxtil. “Por fim, “Hábito/habitante” (1982) é um jogo de palavras e ações entre o “hábito” (a roupa) e o corpo (o habitante); um corte de tecido em meia-lua se desprende de uma estrutura na parede.

Acreditamos ser importante proporcionar o diálogo de sua poética com os artistas mais jovens presentes nessa exposição visto que a sua pesquisa é essencial para se compreender os campos da performance e da arte relacional/participativa desenvolvidos na contemporaneidade. Martha Araújo é, portanto, uma referência a ser cada vez mais conhecida para entendermos o presente e para darmos também o devido destaque às artistas mulheres do Brasil. Atualmente ela reside na cidade de Maceió, em Alagoas.

Galeria de Arte Archidy Picado

Localizada no subsolo, constitui-se num espaço de 140 m² que permite o acesso a diferentes formas de expressões e linguagens da produção de artes visuais em evidência na Paraíba e no Brasil. Recebe exposições individuais e coletivas nas diversas linguagens: escultura, pintura, gravura, fotografia, desenho, instalação, performances, vídeo arte e outras. É aberta a visitação, inclusive nos finais de semana. Trabalha também com visitas agendadas e guiadas destinadas principalmente a alunos de escolas públicas. Possui acervo composto por aproximadamente 130 obras de arte, de artistas brasileiros e estrangeiros que exploram diversas técnicas.





Janderson Azevedo

A linguagem da instalação e suas possibilidades de montagem dentro de espaços arquitetônicos com usos variados são alguns dos pontos centrais da recente investigação de Janderson Azevedo. Suas instalações são feitas com materiais industriais que encapam e criam novos espaços tridimensionais em prédios como o da Universidade Federal do Rio Grande e, no caso do PANAPANÁ, o Espaço Alice Vinagre. O artista ocupa o espaço não apenas visualmente, mas também pela utilização do som. Nessa instalação nova, ele editou uma faixa com áudios que remetiam à destruição de outros prédios. Um espaço como o da FUNESC pode, portanto, abrigar um fantasma de tragédias recentes para o Brasil, como o caso do incêndio no Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Janderson Azevedo é graduando da licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Já participou das exposições “Espaços & espaços” e “Dexobjeto”, ambos no laboratório DEART.



Adriano Machado

Adriano Machado se utiliza da fotografia e do vídeo para inserir o corpo humano em sutis, mas inusitadas narrativas. Pessoas próximas de seu convívio social – geralmente de sua família – posam para a câmera e são fotografadas em interação com diferentes cenários e objetos. A importância da pose é fulcral e é resultado do já clássico jogo entre fotógrafo e fotografado. Em “Baratino”, um rapaz é fotografado segurando diferentes animais do quintal de sua casa. Seu rosto é coberto por diferentes materiais e as associações entre eles, seu corpo negro e a simbologia desses animais é entregue ao olhar do espectador. Já em “Estudos sobre natureza morta”, corpos são sobrepostos com uma toalha de plástico com padrão de frutas. O protagonismo do corpo negro em relação à lente fotográfica é uma das camadas não apenas dessa série, mas de sua pesquisa como um todo.



Adriano Machado é artista visual, mestrando em Artes Visuais (Processos de Criação Artística) na Universidade Federal da Bahia (UFBA); Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Principais Exposições: Individual: Contos Fotográficos (Museu de Arte da Bahia), 2018; Coletivas: Futuro fora do tempo (Teatro Vila Velha (Salvador), 2018; Festival de Fotografia do Sertão (Museu Regional de Arte, Feira de Santana), 2015; Circuito das Artes/Triangulações (Salvador, Fortaleza e Goiânia), 2015; Salões de Artes Visuais da Bahia (2014, 2013,2011); Prêmios: Salões de Artes Visuais da Bahia - Prêmio Principal (2013) e Menção Especial (2011 e 2014); - Residência artística: VerdeVEZ: Projeto de Residência artística no Campo arte contemporânea (2019); Publicações: Capítulo + ensaio visual no livro Futuro fora do tempo (EDUFBA), 2018.



Cecília Urioste

Cecília Urioste desenvolve uma pesquisa sobre biopolítica e narrativas familiares. De um diário resguardado por sua avó e dedicado ao registro de medicamentos tomados em um longo período de sua vida resultaram uma publicação da artista e uma série de objetos que se relacionavam com esse documento. A publicação tanto trazia registros integrais de parte do diário, quanto também intervenções gráficas da artista sobre o material. Já em “64,5 metros”, a artista reúne as bulas dos remédios tomados por sua mãe no período de um ano. Presas à parede, as receitas se espalham pelo chão e podem ocupar espaço de maneira instalativa.

Cecília Urioste é artista visual, nascida em Recife em 1980. Pesquisa artisticamente os mecanismos de controle e de funcionamento do corpo e as funções sociais e relações de poder da medicina na sociedade contemporânea. Possui formação em Fotografia Artística pela EFTI- Madri. Lançou o livro “Para Levantar as Forças” em 2018, fruto de uma pesquisa patrocinada pelo Funcultura-PE. Participou da II Bienal Caixa de Novos Artistas. Integrou a exposição Encontros de Agosto no Dragão do Mar em Fortaleza - 2016. Ministra cursos livres de teoria da imagem e crítica pela Escola Livre de Imagens e apoiados pelo Funcultura-PE.







Coletivo ORA

O duo ORA é formado por Caballero e Rafa Diniz. A primeira trabalha com pintura, desenho e escultura. Já Rafa Diniz tem formação em música e pesquisa o *noise* e *sound art*. No PANAPANÁ foi mostrado o vídeo “Casi dieciocho dientes negros”, primeiro trabalho feito colaborativamente pelos dois. As imagens são de Caballero e o som, edição e animação de Rafa Diniz. Caballero desenvolve uma investigação especialmente no campo da pintura e suas possibilidades com as variações de tom entre o branco e o preto. De pequenos formatos e geralmente mostradas sem bastidor, suas formas possuem uma certa organicidade que faz com que suas imagens sejam dotadas de uma carga de sombrio mistério. Algo parece estar por se anunciar. Enquanto isso, o fazer de Rafa Diniz leva para o campo dos ruídos orquestrados – algo bem demonstrado por ele em sua live session durante o evento. Seus interesses, porém, não estão apenas na produção de sons, mas na sua articulação com sequências de imagens animadas. Por vezes o som dá o ritmo das imagens; por outras o oposto também se faz possível.

Caballero é graduanda do bacharelado em artes visuais da UFPB e estagiária integrante do projeto de catalogação do acervo da Pinacoteca da UFPB. Tem participação em coletivas como o Salão de Artes Visuais e o projeto Confluências do SESC, e uma individual “PERRO” através do edital Exposed 2018. É também artista participante da residência Movimento na praia de Arapuça, Conde-PB.



João Oliveira

João Oliveira possui larga experiência no campo da gravura, sendo inclusive professor na área no Museu de Arte Moderna da Bahia. Na obra aqui mostrada, o artista prensa sobre o papel bichos de plástico. Uma vez desestruturados, os objetos ainda se apresentam de maneira ligeiramente zoomórfica. Expostas de maneira simétrica a compor um grande bloco de imagens que denota o caráter serializado do trabalho, as imagens se apresentam ao público como um bestiário em preto e branco. Enquanto a tradição clássica da gravura pode ser evocada pelas cores, uso do papel e pela escala pequena, o processo de apropriação industrial e a cirúrgica violência com que as imagens são compostas parecem subverter qualquer categorização rápida por parte de quem as observa.



João Oliveira é artista visual e mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Trabalha com gravura em metal e sua interseção com outras linguagens. Dentre suas exposições destacam-se as individuais “Último ato de orgulho”, Galeria RV, BA; “Esquisópolis”, MAM BA; Arte Londrina 04, PR; XI^a Bienal do Recôncavo, BA; algumas edições do “Circuito das Artes”, BA; duas edições do Salão de Abril, CE; e cinco edições dos Salões de Artes Visuais da Bahia, onde recebeu Menções especiais e prêmio; as residências “Cambio 14”, no Museu universitário del Chopo, México, DF, e “Prêmio Gravura EAV Parque Lage + Mul.ti.plo Espaço Arte, RJ, no qual foi premiado com uma residência na Scuola Internazionale di Grafica di Venezia, Veneza, IT.



Mariana Smith



Mariana Smith pesquisa a respeito das relações entre a paisagem urbana, suas camadas temporais e culturas materiais. Recentemente a artista se interessa tanto pelo processo de gentrificação da cidade de Fortaleza, quanto pelas dunas encontradas em diferentes pontos do estado do Ceará. No PANAPANÁ a artista mostrou a série de quatro trabalhos intitulada “Paisagens futuras”, feita também a partir da sobreposição de temporalidades – entre o que foi documentado e o que é projetado. Imagens das dunas do município de Bitupitá são fundidas com imagens de projetos arquitetônicos de luxo pensados para Fortaleza. Um futuro não muito distante e a única certeza de sua ruína distópica são costuradas em uma narrativa fotográfica ativada por caixas de luz.

Mariana Smith é mestre em Artes Visuais – UERJ, 2016. Especialista em Audiovisual em Meios Eletrônicos – UFC, 2009. Graduada em Comunicação Social, UFC, 2004. Participou dos programas Laboratório de Artes Visuais, Porto Iracema das Artes – CE, 2018; Aprofundamento em Artes Visuais, Parque Lage – RJ, 2014; Programa de Pesquisa em Artes, CAV- Vila das Artes – CE, 2011. Realizou as exposições individuais Memórias do Futuro em Ruínas, MCC – Dragão do Mar – CE, 2017 e Máquinas de Observação – CCBNB – Fortaleza – CE, 2009. Participou de algumas exposições coletivas, dentre as quais 69ª Salão de Abril – CE, 2018; 5ª Mostra EAV- Parque Lage - 2015; Carneiro MAC-CE – 2014, A 4º do Equador Ateliê 397 – SP, 2010. Realizou a revista de artes e escritas Avoante, 2012 e a residência Horizontes Compartilhados, pelo programa Rede Nacional de Artes Visuais - Funarte - 2010.





João Cosme

Na exposição, João Cosme apresenta um tríptico na qual a fotografia é utilizada como uma forma de friccionar o corpo, a cor e a ambientação. Apesar da percepção de se tratarem de crianças, as identidades são borradas por meio de um contraste entre corpo e arquitetura. O artista também experimenta o objeto pela primeira vez construindo um livro em que se lê na capa “A memória é a prova da existência de todas as coisas”. No entanto, o livro tem as páginas em branco, como se a memória fosse um dado seletivo e específico, tendo a necessidade de ser escrita a partir de cada perspectiva de quem vê o objeto. O livro tem, portanto, uma contradição entre o que se diz na capa - que nos induz a pensar em provas do passado - e o que se mostra em seu conteúdo - páginas sem nenhum conteúdo.

João Cosme é artista visual, realizou recentemente exposição individual na Galeria do SESC Maranhão, além de já ter participado de diversas mostras como “Art in Progress – Novíssima Arte Paraibana”, “V Salão de Artes de São Luís”, “Fronteiriças” e do VI Salão de Artes de São Luís, sendo premiado na categoria intervenção urbana. Teve a série “ABSTRATURBANO” selecionada para a Revista InsightPhoto.



Marília Riul

Marília Riul exhibe fotografias que retratam espaços abandonados da cidade de João Pessoa. Apesar das fotos mostrarem esses lugares inabitados, sem a presença de corpos, a existência de pichações mostra que há outros usos que burlam as expectativas do que poderiam ser um lugar para viver. Os indícios deixados nesses lugares abandonados, assim como a própria fotografia, que detona a presença de quem a capturou, são a forma de prolongar o uso dessas construções.

Marília Riul é de João Pessoa – PB, tem formação em Design de Interiores e Gestão Ambiental, mestrado e doutorado em Ciência Ambiental. Pesquisou e publicou artigos sobre relações entre design vernacular urbano e em culturas tradicionais, dinamismo cultural e questões de vulnerabilidade socioambiental. Trabalha com gestão ambiental, produção de eventos culturais e agora desenvolve projetos de fotografia, tendo sido selecionada para o XIV SAMAP – Salão Municipal de Artes Plásticas da Fundação Cultural de João Pessoa em 2018.



Virgínia Pinho



Virgínia Pinho compõe universos imagéticos em que a gestualidade da força de trabalho é cartografada e destrinchada por meio de vídeos e fotografias. As “Paisagens do trabalho” são uma investigação em que a repetição de ações de diversas pessoas em seus ambientes de labor adquire um caráter performático na medida em que a artista recorta por meio do enquadramento da câmera esses gestos. Embora sejam ações triviais - como as funções de açougue, cabeamento e carregamento de caminhões - a artista chama atenção para aquilo que já não prestamos atenção na vida cotidiana. No vídeo “A saída da fábrica Cione”, uma referência a um um dos primeiros registros cinematográficos realizados pelos Irmãos Lumière, profissionais saem de uma fábrica orquestradas por um recorte de gênero. Numa outra pesquisa, Virgínia imerge numa colônia de pessoas em Maracanaú/CE isoladas por causa da hanseníase.

Virginia Pinho é artista Visual e Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Desenvolve pesquisas sobre cinema e as representações dos mundos do trabalho, memória e a apropriação de imagens nas artes visuais e no cinema. Foi curadora da mostra “Harun Farocki: o trabalho com as imagens” (2017), realizada no Cinema do Dragão. Participou do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes (2017), com a pesquisa “Isolamento Compulsório”. Realizou “A saída da fábrica Cione” (2016), premiado no 67º Salão de Abril de Fortaleza e no 8º Arte Pará e “Miragem” (2014/2018), premiado no 25º Cine Ceará.

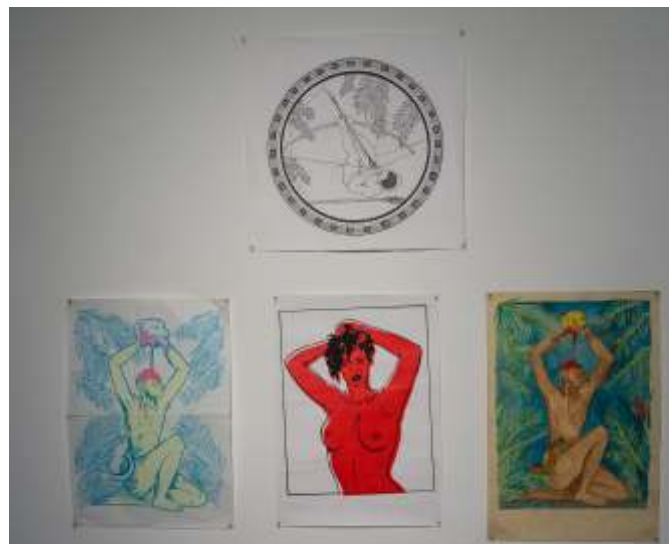
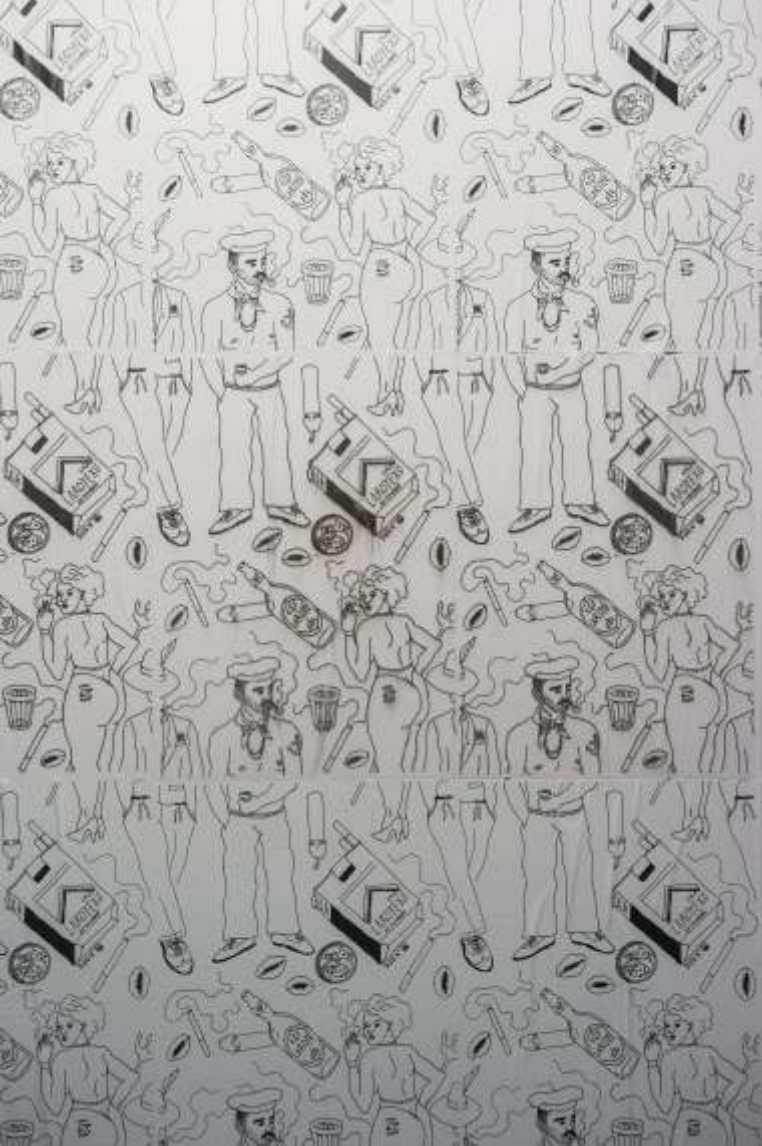


Maurício Pokemon

Maurício Pokemon utiliza da fotografia como linguagem de investigação artística, trazendo a tona o espaço público não somente como um pano de fundo de seus retratos, mas também como um espaço de materialização da própria exposição fotográfica. Na mostra, o artista exhibe a série “Inventário verde da Boa Esperança” - que retrata por meio de olhar próximo uma região verde de Teresina que conseguiu se manter preservada, mas que vem sendo ameaçada com o avanço dos processos de urbanização e modernização nocivas da cidade. Pokemon utiliza da memória como um dado prospectivo, prevendo uma possível ameaça a essa localidade. Essa série é movida não só pelo desejo simples de fotografar, mas também pela vontade de guardar e lutar por preservação.



Maurício Pokemon (1989-Piauí) é skatista, artista visual, graduado em jornalismo. Ganhou o Prêmio de Criação em Artes Visuais de Teresina (2016). Em 2017 expandiu por 10 estados, pelo Programa SESC Amazônia das Artes, o projeto que desenvolve junto a comunidades ribeirinhas de Teresina desde 2015, o EXISTÊNCIA. É artista residente do CAMPO Arte Contemporânea desde sua abertura, e tem imagens de sua investigação sobre Fotografia nas Artes Performativas em catálogos e imprensa no Brasil, Europa e Japão. Coordena o Estúdio Debaixo, núcleo de artes visuais do CAMPO. Tem passagens por Festivais como SOLAR/Fortaleza-CE e Internacional da Imagem Valongo/Santos-SP. Editor de fotografia da Revista Revestrés. Seu projeto verdeVEZ é um dos selecionados no RUMOS Itaú Cultural 2017-2018.



Kauam Pereira



Kauam Pereira é baiano e reside em Aracaju. Nos trabalhos apresentados pelo artista ele recorre a elementos do universo religioso afro-brasileiro estabelecendo uma outra maneira de representação não-etnográfica de divindades do panteão iorubano, a exemplo de Exu, Ogum e Oxóssi. Os desenhos de Kauam adquirem também uma relação próxima com o universo do design, na medida em que são reproduzidos em estampas e texturas, que muitas vezes aparecem em camisas, lambe-lambes e pôsteres. Recentemente, os tecidos também aparecem em suas peças, utilizando a coleta, a reciclagem e a costura como processos de discussão sobre memória e religiosidade.

Kauam Pereira, estudou Licenciatura em Desenho e Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia. Participou das exposições coletivas Mostra Maré (2018 - Centro Cultural Brasil México, Cidade do México), Salão da Escola de Belas Artes (2015 - Galeria Cañizares, Salvador BA). Residência: FIIIMP (2013 - Yucatã, México).



Cris Peres



Cris Peres lança mão de materiais reciclados, a exemplo de sacolas plásticas, como matrizes para construir gravuras e esculturas. A artista eterniza materiais que seriam facilmente descartados do convívio social e esculpem espécie de fósseis - que atestam a descartabilidade da contemporaneidade. As gravuras são impressas em papéis igualmente reciclados e com aspecto envelhecidos, ao passo em que as esculturas são construídas com gesso, concreto e depois tingidas. O aspecto amorfo das sacolas causa uma estranheza na forma, que ora parece orgânica, ora industrial.



Cris Peres vive e trabalha em João Pessoa - PB. É graduanda em Artes Visuais UFPB (Bacharelado - Teoria e crítica de Arte), é bolsista do PIBIC no Projeto de Pesquisa "Fora do Eixo: História das Exposições de Arte (In)Visibilizadas". Atualmente é membro do Movimento Arapuca arte residência, Conde PB. Participou de coletivas como o Salão de Artes Visuais no Sesc Paraíba em 2018, Art in Progress II no Casarão 34 e do Salão Municipal de Artes Plásticas - SAMAP, João Pessoa/PB.





Ficha técnica:

Governador do Estado da Paraíba: João Azevedo
Vice-governadora: Lígia Feliciano
Presidente da Funesc: Nézia Gomes
Vice-presidente da Funesc: Raísa Agra
Gerente Administrativo: Flávio Barros
Gerente de Planejamento e Finanças: Eliana Martini
Gerente de Planejamento: Anastácia Alencar
Chefe de Gabinete: Zelice Botelho
Assessoria Jurídica: Ricardo Bezerra
Diretora Técnica: Renata Mora
Gerente de Eventos: Dora Figueredo
Gerente de Artes Visuais: Edilson Parra
Chefe do Núcleo Galeria de Arte Archidy Picado: Maurise Quaresma
Assessoria de Comunicação: Jamarrí Nogueira
Fotos: Thercles Silva
Projeto Gráfico: Silvio Sá

Curadoria: Raphael Fonseca e Tiago Sant'Ana
Comissão de Seleção: Clarissa Diniz, Raphael Fonseca e Tiago Sant'Ana

www.funesc.pb.gov.br    /funescgovpb

Espaço Cultural José Lins do Rego
Rua Abdias Gomes de Almeida, 800,
Tambauzinho, João Pessoa - PB

prohelvetia

COIN
CIDE
NCIA Intercâmbios
culturais
Suíça-América
do Sul



Secretaria de Estado
da Cultura



GOVERNO
DA PARAÍBA



SEGUE
o trabalho



